



## **A BUSCA POR CRITÉRIOS EDITORIAIS EM TELEJORNALISMO**

### **Notas sobre a exigência de conflito nas notícias televisivas**

**Iluska Coutinho<sup>1</sup>**

Faesa - Vitória / ES

Este artigo está ancorado na premissa de que o telejornalismo, a informação jornalística em televisão, e seus critérios editoriais, merecem destaque não apenas em sociedades em que significativa parcela da população carece de acesso a educação formal, como no Brasil. Afinal, os noticiários de TV seriam a “principal ou a única fonte de informação sobre a realidade do mundo contemporâneo para o “grande público”, segundo Cádima (1995, p.130), para quem o discurso dos telejornais seria legitimador de uma nova ordem do mundo, percebida por meio da televisão.

E se, por um lado há carência de números confiáveis, capazes de identificar o percentual e o perfil da população brasileira que atualmente tem os telejornais como a principal, senão a única forma de acesso às notícias, por outro lado é possível registrar o aumento do espaço ocupado pelo gênero nas grades de programação das emissoras. Segundo Squirra (1993), a partir de declaração de Mário César Carvalho, de 1988 a 1993 as emissoras aumentaram em 35% a carga horária dos telejornais. Entre as razões para esse acréscimo poderiam estar os aspectos, ou benefícios, financeiros provenientes do investimento em telejornalismo, explicitados no material de apoio ao 22º Congresso Brasileiro da Abert (Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão): “Peça chave nas programações das emissoras de TV, o jornalismo desponta este ano como uma das prioridades na briga pelo íbope. (...) o diferencial entre as emissoras hoje é a notícia rápida e exclusiva.” (2001, p.21).

Para além da questão comercial, que é um dos aspectos relevantes na oferta de informação televisiva, no Brasil há ainda um caráter normativo, já que as emissoras de televisão são concessionárias de serviço público, e, portanto, sujeitas à exigências legais. É sobre o telejornal que trata uma das determinações do regulamento dos serviços de

---

<sup>1</sup> Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura (UnB), doutoranda em Comunicação Social da Umesp. Professora de Jornalismo, Faesa-Vitória/ES.



radiodifusão, o decreto lei 52.795 de 31 de outubro de 1963. Segundo o decreto as emissoras devem dedicar cinco por cento de seu tempo de programação, diária, ao serviço noticioso.

Vale lembrar que em uma sociedade como a brasileira, em que a leitura ainda é um fator de exclusão social, compreender os critérios de notícia em telejornalismo ganha relevância ainda maior já que, como salientou Morán: “A informação na televisão é um produto – vista do lado da indústria cultural – e é um bem social – vista do lado da população” (1986, p. 19).

A notícia em televisão: em busca de seus critérios editoriais  
“(...) a informação televisiva é oferecida ao consumo como testemunho  
do cotidiano e como espetáculo; é a novela de cada dia.”

*José Manuel Morán*

Talvez a definição mais corrente de notícia, seja aquela que a vincula ao conceito, ainda difuso, de fatos de interesse público. Genérica, se aplicando indiferentemente do meio de comunicação em que será transposta, tal compreensão da palavra notícia normalmente é acompanhada, de exemplificações, no meio profissional, ou por referências teóricas, no campo acadêmico. No último caso há uma remissão quase automática aos estudos de *newsmaking* que, por meio da sociologia dos emissores, buscam estabelecer parâmetros para a conversão de um fato em notícia.

Segundo Breed, no processo de competitividade experimentado pelos jornalistas, mais que um desafio, as notícias se tornariam um valor (1993, p.159). Em outra linha Wolf enumera uma série elementos por meio dos quais seria possível identificar em um fato as características capazes de convertê-lo em notícia: os valores-notícia. Além disso, no processo de seleção de temas, assuntos e fatos que serão transformados em notícia, adquirindo visibilidade pública, ainda haveria outros aspectos a observar, os chamados critérios de noticiabilidade, como ressalta Josenildo Guerra, em uma abordagem interpretativa da notícia:

Os valores-notícia, como são considerados aqui do ponto de vista normativo, não garantem a noticiabilidade de nenhum fato. A noticiabilidade deve ser entendida como a probabilidade de um fato vir a ser efetivamente notícia, o que implica atender outros critérios além de possuir os atributos compatíveis com os valores-notícia. (GUERRA, 2002).

Assim, além de reunir o chamado valor-notícia, para que seja selecionado pelos jornalistas é preciso observar ainda outras características, fatores algumas vezes alheios ao fato em si, mas relativos à concorrência ou à organização de cada empresa ou tipo de mídia em que a notícia será veiculada. Guerra destaca ainda a influência das rotinas produtivas, diferenciadas para os meios televisão e jornal impresso, só para evidenciar uma comparação possível.

A comparação dos critérios editoriais e de seleção de notícias nas mídia televisiva e impressa tem sido objeto de algumas pesquisas. Uma delas, de caráter empírico, foi realizada pelos Cadernos Proal – Estudos, debates e análises de temas da Comunicação de Massa, e publicada em formato de artigo já em 1977. A partir da análise de três jornais impressos e três noticiários televisivos, o estudo buscou evidenciar os enquadramentos e a “angulação dada por cada veículo” na seleção da informação, e sua transformação em notícia. Assim, o estudo identifica um tipo de informação que seria própria do “meio televisão”, já que a TV teria mais interesse em noticiar fatos com forte carga conflitual do que os jornais impressos. Além disso os telejornais teriam uma especial predileção para a cobertura dos *pseudo-acontecimentos*, segundo conceituação retirada de Lippman (1971):

“Eles aparecem com muito maior freqüência na televisão que nos jornais. São as notícias que só se tornam notícias porque os meios de comunicação assim o desejam, como: um bolo que apareceu em praça pública na cidade de São Paulo no dia de seu aniversário (Lippman, por certo, nunca sonhou em tão perfeito “pseudo-acontecimento”, como este montado pela equipe do Jornal Nacional)” (PROAL, 1977, p.22).

Se jornal e TV utilizam padrões diferenciados na adoção do conceito de notícia, os aspectos de interesse humano, carga conflitual e contenção<sup>2</sup> nos problemas de política nacional são apontados como importantes na definição do que seria noticiável em televisão. Além disso as redes de televisão utilizariam a presença de ilustração visual e a busca do pitoresco como diretrizes a serem consideradas na identificação de uma notícia televisiva.

---

<sup>2</sup> O conceito de contenção neste caso estaria relacionado a capacidade de determinado tema, ou pauta, estar circunscrito a uma situação claramente definida, com possibilidades de solução igualmente evidentes.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Jornalismo**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Ao analisar a televisão, e os telejornais, simultaneamente como um produto e um bem social, Morán destaca fatores estruturais, conjunturais e industriais que interferem na escolha das notícias. Entre os critérios utilizados na seleção e organização de informações na TV são destacados: 1) Interesse e anormalidade; 2) Imprevisibilidade e atualidade; 3) Proximidade física ou afetiva; 4) Quantidade e poder multiplicador e 5) Critérios retóricos.

Nessa perspectiva os acontecimentos que interessam a televisão, e que teriam maior probabilidade portanto de se converter em notícia, seriam aqueles que se afastam da norma e/ou que se situam para além dela. Os fatos inesperados, especialmente aqueles que ocorrem no “tempo presente”, também teriam os atributos de uma notícia televisiva. A questão da proximidade, geográfica ou emocional, de um tema e ainda o número de pessoas e de outros meios de comunicação interessados no assunto, seriam valores notícia, também para a televisão, embora não exclusivamente para essa mídia. A duração da notícia, o tempo de emissão, o grau de ilustração e uso de efeitos, musicais ou gráficos, também denotariam a importância de um fato exibido nos telejornais.

Entre os fatores conjunturais, se destaca a relação da notícia com o poder, ou com seus ocupantes no momento de sua exibição. “Informação é expressão de poder (...) Se não houvesse interesse de alguma das facções do poder na divulgação dos fatos, teriam sido devidamente silenciados ou relegados a um plano secundário” (MORÁN, 1986, p.30), analisa o autor a propósito das matérias relacionadas ao atentado do Riocentro, ocorrido em 1979.

Mais do que se constituir, apenas, em fator de distinção entre fatos anônimos e outros mercedores de visibilidade pela ação do jornalismo em diferentes mídias, para Paul Weaver a notícia deve ser considerada como um gênero, um modo distinto de escrever e relatar experiências. Assim, além do caráter de “seleção”, o conceito de notícia diz respeito também à organização da informação, e suas características de construção em diferentes suportes. É com essa perspectiva que Weaver, em um ensaio publicado inicialmente em 1975, busca apontar as semelhanças e diferenças mais marcantes entre as notícias de jornal e as notícias de televisão.

O autor nega a crítica que atribui à televisão, apenas, uma tendência de não se dedicar com a ponderação adequada a apuração e tratamento dos dados, por se tratar de uma mídia mais sujeita a pressão de tempo que o jornal impresso. Segundo ele tanto os jornais quanto a



televisão seriam igualmente propensos a este equívoco ou “patologia”. Outra semelhança identificada por ele é a forma de construção narrativa dos temas da atualidade como relatos melodramáticos, presente nos dois veículos, de forma simplista e, em alguns casos, implícita.

“(…) a notícia de jornal e a de televisão são semelhantes na utilização dos mesmos temas, fórmulas e símbolos na construção de linhas de ação dramática que dão significado e identidade aos acontecimentos. Os dois media, por outras palavras, são cortados do mesmo tecido intelectual e retórico.” (WEAVER, 1993, p.296).

A estrutura de organização e coesão das notícias nos dois meios de comunicação é uma das diferenças apontadas por Weaver. Enquanto a notícia de televisão se organiza e apresenta no tempo, a edição de um jornal impresso se estabelece em uma dimensão do espaço físico, uma mancha gráfica em papel, apenas. Em função disso, na análise do autor, o noticiário televisivo é apresentado como mais coeso que o produto jornalístico impresso, em que pese o fato deste último oferecer maior número de relatos, muitas vezes como discursos abertos, soltos, sem nenhuma relação de conteúdos, contextos, evidenciada em sua estrutura de edição. Ainda segundo Weaver, também há maior coesão na organização de cada uma das narrativas televisivas, em relação às impressas.

Outra diferença entre a informação jornalística oferecida nos dois meios de comunicação, de acordo com o “saber convencional”, seria a característica de boletim, plantão de últimas notícias, apenas, do telejornalismo. Em oposição, ainda na lógica do senso comum, os jornais impressos produziram relatos mais aprofundados, resultado de uma melhor apuração e de um processo de edição mais consistente, graças ao tempo e espaço disponíveis, inclusive, para a análise. Outra visão distorcida, na comparação estabelecida por Weaver: “(...) na realidade é exatamente o oposto. (...) vulgarmente é a “estória” de televisão a mais analítica, a mais consistente, bem como a que mais insistentemente vai além da superfície dos acontecimentos para evidenciar as tendências e os significados dos assuntos da atualidade.” (1993, p.298).

E, se a fórmula da pirâmide invertida é utilizada por diversos jornais impressos como estratégia de edição, cujas razões são analisadas de forma mais aprofundada por Schudson (1982), concentrando as informações fundamentais no início da notícia, de cada matéria,



acontecimento único, na televisão o relato só seria compreendido, com as efetivas nuances de sentido, se consumido e/ou experimentado na sua totalidade.

“O seu foco é pois um tema que perpassa a “estória” e que se desenvolva à medida que a “estória” se desenrola do seu início até ao meio e do meio ao fim. Seleccionam-se e organizam-se informações, narrativas, som e imagens para ilustrar o tema e fornecer o necessário desenvolvimento. (...) inevitavelmente a “estória” televisiva entra, por baixo ou para lá do acontecimento em si para se fixar em algo mais – um processo, um modo, uma tendência, condição, ironia, relação ou qualquer coisa que pareça um tema adequado na circunstância.” (WEAVER, 1993, p.299).

O carácter testemunhal, quase pessoal e a tendência ao espetáculo no jornalismo televisivo seriam outras diferenças apontadas pelo autor.

Na tentativa de definir o que seria uma notícia televisiva, Calabrese recorre à combinação relevo, relevância e narração. Ele critica a visão ingênua que busca traduzir a notícia em TV como um “espelho da realidade” na medida em que a informação na televisão, mais que um registro ou ilustração de um fato, seria sua representação na linguagem televisiva.

Fruto de uma forte seleção, a dimensão da notícia televisiva é limitada por exigência de tempo, espaço a ser ocupado no fluxo audiovisual. Assim, cada notícia em TV deve ser oferecida em pacotes informativos com cerca de 90 segundos (um minuto e meio), sendo possível a ampliação desses limites em casos excepcionais, ou de excepcional interesse e atração da audiência.

Para Calabrese a informação jornalística na televisão é constituída por fragmentos da realidade, cuja lógica de montagem seria definida pela organização de um texto com características que remetem a oralidade. Para se constituir em um desses fragmentos, um fato deveria ser marcado por uma forte unicidade, ou ser componente de uma grande narrativa, ter impacto passional muito forte ou ainda ser apresentado de forma muito espetacular, parâmetros que definiriam os quatro critérios de noticiabilidade em televisão.

(...) a notícia televisiva é um elemento bastante variável. Não se trata de uma variabilidade apenas formal: do tipo do discurso onde se insere, da sua colocação numa escala, do tom e do ritmo como é pronunciada, do suporte da imagem, o mesmo fato que determina sua unidade também assume valores e características diferentes. Dizemos tudo, para depois negar uma interpretação muito desviante da informação: de que se entende a notícia como um espelho objetivo da realidade (...) interpretar a notícia como simples reflexo do mundo real significa idealizar o concreto, tratá-lo de modo abstrato, senão mitificá-lo completamente.” (CALABRESE, 2001, p.189).

Veículo cujo apelo competitivo, em relação aos outros mídia, residiria no fascínio da imagem em movimento, e em cores a partir de 1972 no Brasil, a televisão também teria na questão visual um dos fatores estruturais na definição do que poderia se converter em notícias audiovisuais. Mas, se como esclarece Squirra (1990), uma boa imagem deveria ser aproveitada para compor o telejornal, sempre que possível, a não existência de registros visuais, sobretudo em externa, não seria suficiente para determinar a exclusão de um fato, de relevância social e/ou política, do noticiário televisivo.

Assim como as premissas do senso comum, criticadas por Weaver, um ditado oriental tem sido aplicado à exaustão ao se avaliar a importância do componente visual nas notícias em TV: “uma imagem vale mais que mil palavras”. Squirra critica essa comparação, na medida em que texto e imagem não poderiam ser considerados “moedas de troca”, já que com características distintas, não seria possível estabelecer uma relação de equivalência entre esses dois componentes da mensagem televisual, ou de sua importância. Afinal, segundo ele “(...)a *palavra é fundamental* para a comunicação eletrônica. Não só a imagem.” (SQUIRRA, 1993, p.64). Essa perspectiva também é assumida por Rezende (2000), que em sua tese de doutorado, evidencia a importância do texto para o telejornalismo, para a definição das características próprias de cada programa, constituindo-se em uma das estratégias para o estabelecimento de seu perfil editorial.

Na tentativa de evidenciar as características de uma dramaturgia do telejornalismo, tema de nosso estudo de doutorado, estabelecemos entre as hipóteses a serem investigadas que um dos critérios de noticiabilidade, um valor-notícia a ser avaliado na seleção de um tema a se tornar pauta jornalística, convertida em videoteipe (VT), seria a existência de conflito. O



conceito de conflito utilizado nesse caso vai além daquele considerado requisito para a estruturação da narrativa, mas passa também pela existência de um vínculo social concreto.

A obra *Social Conflict and television news*, editada por Adoni, Bantz e Cohen (1997) trata exatamente da frequência com que as reportagens televisivas tratam de registros de conflitos reais, vivenciados ou experimentados nas ruas ou na telinha, pelos telespectadores de determinada sociedade. Os pesquisadores atribuem seu interesse pela análise dos conflitos sociais nas notícias de televisão a três grandes razões: o impacto dos problemas sociais na sociedade/ audiência televisiva; sua predominância como tema nas coberturas televisivas e a sugestão corrente de que os meios de comunicação de massa desempenhariam um papel central no desenvolvimento e regulação desse tipo de conflito. O conflito social teria três dimensões, que seriam o foco do livro, publicado pela editora Sage Publications: complexidade, intensidade e resolutividade. Além de um aprofundamento dos aspectos sociológicos e midiáticos dos chamados conflitos sociais, os pesquisadores analisaram os noticiários de emissoras de cinco países: Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Reino Unido, Israel e África do Sul. As conclusões apontam para uma orientação por eventos no telejornalismo, o que levaria os jornais televisivos a apresentarem apenas os momentos mais intensos dos conflitos sociais: “Stories featuring conflicts appear often and prominently in television news. (...) Television news also intensifies conflict (it is alleged) by highlighting the more dramatic, antagonistic, and violent facets of disputes.” (ADONI; BANTS; COHEN, 1997, p.42).

Assim, em nosso estudo utilizamos o conceito de conflito social, como um dos aspectos centrais na definição do “cardápio noticioso”. É importante ressaltar que a existência de conflito social, real, seria um dos aspectos definidores da geração de uma notícia, embora não o único. Também é importante ressaltar que outro dos critérios editoriais em TV seria a existência/ explicitação de um conflito narrativo e a forma de organizar o telejornal como produto informativo, e dramático. Conflito social concreto e narrativo são características presentes em número significativo de matérias, e que buscamos identificar por meio da análise dos VT’s veiculados no período de 19 a 23 de março de 2001, nas edições de Jornal Nacional (Rede Globo) e Jornal da Cultura (TV Cultura).





## **O(s) conflito(s) na tela: aproximações entre drama e notícia**

Segundo a definição de seu editor-chefe, impressa em jornal do mesmo proprietário da emissora<sup>3</sup>, e confirmada em entrevista realizada posteriormente, o Jornal Nacional apresenta “o que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia”. A definição do que seria importante segue, evidentemente, critérios jornalísticos e também editoriais. Vale lembrar sobretudo que o produto oferecido aos telespectadores é uma (re)construção da realidade, operada via coleta de imagens, redação de texto, edição, cuja poder de verdade, de celebração do fato é reforçada muitas vezes pela flexão dos verbos no presente do indicativo.

Assim, o que os telespectadores acompanham nos telejornais é uma soma de pequenas tentativas de repetição de alguns fatos, amarrados pelos textos de repórteres e apresentadores, uma “imitação da ação” ou das ações humanas, tal como a definição de Aristóteles para a palavra drama. O sentido de “imitação” tal como proposto pelo filósofo na obra *Poética* abrange o de representação, no caso, de um conflito que se desenvolveria, sempre com a busca de sua resolução, através das ações dos personagens da estória, da narrativa.

Nossa proposta foi investigar em que medida as notícias apresentadas em nossos telejornais poderiam ser analisadas e/ou interpretadas como representações de conflitos que se desenrolam no cotidiano, nacional ou internacional. O pressuposto é de que os valores e critérios de escolha usados no processo e nas rotinas de produção de notícias em nossos telejornais também guardariam semelhanças com a dramaturgia, ou com a narratividade.

A presença de atributos que permitiriam a conversão do tema em narrativa, como a existência de um conflito com a eventual identificação de seus personagens, é característica destacada entre parte significativa das matérias veiculadas nos dois noticiários que se constituíram em objeto empírico da tese elaborada: Jornal Nacional e Jornal da Cultura. Essa afirmativa se fundamenta na análise do conteúdo exibido nos dois telejornais.

A identificação das pautas cobertas em cada um dos telejornais, dos temas convertidos em informação exibida em rede nacional durante a semana de análise, nos permitiu confirmar a tendência de se privilegiar a emissão de assuntos que possuam as características essenciais da dramaturgia, quais sejam, a existência de uma crise instalada e de ações direcionadas para

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Jornalismo**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

a tentativa e/ou busca de sua solução. Assim, o conteúdo dos dois telejornais foi agrupado em duas grandes categorias: Crise/ Ação e Celebração/ Informação.

A categoria crise/ação, em que se encaixa a maioria dos conteúdos veiculados no Jornal Nacional e Jornal da Cultura de 19 a 23 de março de 2001, reuniria, já na seleção temática os elementos capazes de garantir a conversão de notícia televisiva em narrativa. O outro grupo de assuntos, que constituem a categoria Celebração/ Informação, não traria esses “pré-requisitos”, muito embora sua conversão em matéria possa ser realizada via aproximação de uma dramaturgia, ainda que sem a explicitação de um conflito social concreto. Nesse caso haveria a construção da matéria a partir de um conflito narrativo, ainda que insinuado.

Considerando o número total de pautas realizadas e veiculadas pelos dois programas no período analisado, 72,92% dos temas convertidos em matérias editadas, videoteipes teria os elementos de conflito social, real nesses casos, que garantiriam sua conversão em narrativa. Assim, na grande maioria das histórias exibidas houve a seleção de um fato ou acontecimento definido por uma crise instalada no cotidiano do Brasil ou de outros países do mundo ou, pelo menos, de algum aspecto desse conflito convertido em pauta televisiva.

Ao todo quarenta e dois temas foram apresentados nas cinco edições do Jornal da Cultura. A análise de conteúdo realizada revelou que há uma significativa concentração de pautas que consideramos pertencentes à categoria Crise/Ação, o que corresponde a um índice de 73,81% do total de assuntos cobertos pelo noticiário. Há ainda a presença do que poderíamos considerar uma espécie de variação dessa categoria, quando o tema apresentado seria um anúncio e/ou antecipação de um conflito que será instalado em data determinada, no primeiro semestre de 2002. Isso ocorre em uma pauta, a cobertura do anúncio de pré-candidaturas ao governo do Estado de São Paulo, matéria veiculada no dia 19 de março de 2001.

Nas cinco edições que compõem o corpus de nossa análise um total de dez temas cobertos pelo Jornal da Cultura (23,81%) foi classificado na categoria Celebração/ Informação. São assuntos como a entrega de um prêmio de jornalismo, o lançamento de um livro pelo apresentador do programa, e a adoção de aspectos de economia nas escolas de jardim e primeiro grau. Nesse momento estamos apenas identificando a ausência de crise

---

<sup>3</sup> “Os bastidores do Jornal Nacional”. Jornal “O Globo” – 30/9/2001. Página 10, Revista da TV



instalada, em termos concretos, em cada uma das pautas realizadas, desconsiderando a utilização de recursos dramatúrgicos.

Com maior tempo de exibição, e com uma tendência geral em dar tratamento mais sintético aos assuntos, diferente do que ocorre no programa da emissora pública, o Jornal Nacional exibiu na semana de 19 a 23 de março um total de 102 temas. Confirmando a hipótese inicialmente apresentada, de que a existência de “características dramáticas” reforçaria a chance de sua conversão em pauta dos telejornais, um índice de 72,55% do conjunto de pautas realizadas, ou setenta e quatro assuntos cobertos, correspondem à categoria Crise/Ação. Em outras palavras, mais de dois terços das matérias exibidas tem como tema selecionado uma crise ou conflito social, concreto.

A apresentação de conteúdos normalmente identificados como de “serviço” nas cinco edições do programa, como previsão do tempo e mercado financeiro, contribuiu para elevar o índice de material classificado como de Celebração e/ou Informação, 27,45% do total ou 28 pautas realizadas/ veiculadas na semana de pesquisa. No Jornal da Cultura, durante o período de análise, a Previsão do Tempo era comercializada, e veiculada no intervalo comercial entre o segundo e o terceiro blocos, tendo apresentação via utilização de gráficos com a narração em off da apresentadora Valéria Grillo.

Outro componente do que poderíamos considerar a narratividade de um tema seria a sua capacidade de ser desdobrado, de dar origem à novas abordagens e/ou capítulos que seriam utilizados para a composição dos telejornais como drama cotidiano exibido nas emissoras de televisão. Nesse caso, um assunto e/ou tema exibido no noticiário poderia ser re-apresentado em edições posteriores, como uma nova pauta ou abordagem.

Essa característica de conversão de uma temática inicial em uma espécie de série e/ou novela de fatos reais, veiculados via telejornal, está presente nos dois programas. No Jornal da Cultura seis pautas dão origem a outras coberturas, realizadas nos dias seguintes, no próprio noticiário: afundamento da P-36; crise na economia Argentina; acordo do FGTS; crise nos Balcãs; contaminação gado com aftosa e CPI da corrupção. Essas temáticas são convertidas em 23 pautas ou 54,76% do “cardápio” de conteúdos apresentados no período, considerando a exibição de 42 assuntos na semana de análise.

No Jornal Nacional esse índice é menor (31,73%), embora seja maior o número de temas que são convertidos em “séries noticiosas”, nove ao todo. Essa inclusive é uma



variação da forma com que os próprios apresentadores do informativo anunciaram um desses assuntos de cobertura consecutiva. Durante a semana de análise o programa apresentou uma “série de reportagens”, para usar o termo presente no texto do noticiário, que tinha como tema central a discriminação racial, desdobrada em três pautas. Os outros temas apresentados de forma seriada foram: afundamento da P-36; crise de energia elétrica; investigação/ denúncia LBV; crise na economia argentina; acordo do FGTS; contaminação do gado com aftosa; a recuperação de Herbert Vianna do acidente e crise nos Balcãs. Ao todo essas temáticas correspondem a 33 pautas cobertas pelo telejornal.

Outro aspecto que chama a atenção é a coincidência dos temas que foram “serializados” nos dois telejornais. A cobertura em seqüência é comum em cinco temáticas. Apenas a cobertura dos esforços para a instalação da CPI da corrupção no Congresso Nacional, que “rendeu”<sup>4</sup> três pautas veiculadas no Jornal da Cultura, não faz parte do cardápio seriado do outro telejornal, embora uma matéria sobre o tema tenha sido veiculada no dia 22 de março.

A diferença de perfil editorial entre os dois programas talvez seja a melhor explicação para a diferença de abordagem nesse caso. Enquanto as reportagens políticas ocupam lugar de destaque no programa exibido pela TV Cultura, sua presença é significativamente pequena no noticiário da Globo. Considerando as matérias ou videoteipes (VT’s) apresentados no Jornal Nacional, apenas 5%, ou três dos sessenta VT’s exibidos na semana de análise, poderiam ser classificados como pertencentes à editoria de política.

Por meio de análise das temáticas das matérias, poderíamos considerar a existência de conflito social, explícito ou implícito, como uma das características de noticiabilidade de um fato, um dos valores-notícia para sua inclusão no noticiário televisivo. Mais que isso, além de orientar a seleção dos assuntos a serem transformados em matéria no telejornal, seria preferencialmente em torno desses conflitos sociais que se organizaria a cobertura, a estrutura da notícia em televisão, convertida na tela também em conflito narrativo.

Selecionado o conflito social a ser transformado em notícia televisiva, na estrutura da mensagem audiovisual, por meio do encadeamento de narrações do repórter, imagens,

---

<sup>4</sup> O uso das aspas aqui se justifica na medida em que o termo “render” é usado de forma quase pejorativa no jargão profissional do jornalismo, em referência a um tipo de cobertura que por vezes é realizada de forma quase obrigatória, embora o fato em si não apresente os desdobramentos ou novidades que justificassem sob o ponto de vista jornalístico seu acompanhamento ao longo do tempo, e com determinada duração na edição do programa.



entrevistas, poderíamos identificar também a existência e/ou sua conversão em conflito narrativo. A apresentação do conflito, e sua tentativa de solução, tal como no drama, seriam as formas de representação da notícia no telejornal.

Como a trilhar os caminhos indicados na definição de Sayeg de Siqueira, em organização textual da narrativa, as matérias dos telejornais têm sempre apresentado o conflito, narrativo, como ponto de partida para o drama registrado pelas lentes da emissora, observado por repórteres e concretizado em verdade audiovisual nas edições dos programas jornalísticos noturnos. E, se “A narrativa se organiza pela criação de uma expectativa para a personagem ou leitor” (SIQUEIRA, 1992, p.27), em um percurso narrativo que, segundo o autor, pode ser iniciado no título, nos telejornais analisados esse processo se inicia quando William Bonner e Fátima Bernardes ou Heródoto Barbeiro e Valéria Grillo, em estúdio, apresentam a notícia, expectativa e conflito a ser acompanhado no videoteipe seguinte ou logo após os comerciais, no caso das chamadas de bloco.

É a partir dessa expectativa, desse conflito narrativo quase sempre evidenciado pelos apresentadores, que o texto e edição das matérias se estruturam e organizam, no tempo. Para conhecer o final ou desfecho dessa estória, drama cotidiano, o telespectador deveria acompanhar o desenrolar dessa trama ao longo do tempo, telejornal, deixando gravados em pontos medidos pelos institutos de audiência, seus aplausos, sua aprovação.



## Referências Bibliográficas

ADONI, Hanna; BANTZ, Charles R. & COHEN, Akiba A. (edit.) *Social conflict and television news*. London: Sage, s/d.

CADERNOS de Comunicação Proal: Estudos, debates e análises de temas da comunicação de massa. N.º 01, São Paulo: PROAL, 1977.

CÁDIMA, Francisco Rui. *O fenómeno televisivo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.

CALABRESE, Omar & VOLLI, Ugo. *I telegiornali: istruzioni per l'uso*. Roma: Gius. Lateza & Figli Spa. 2ª edição, 2001.

CONGRESSO BRASILEIRO DA RADIODIFUSÃO, 22, 2001, São Paulo, Material de apoio. São Paulo: ABERT – AESP, 2001.

GUERRA, Josenildo Luiz. *Notas para uma abordagem interpretativo-normativo da notícia*. 11º Encontro Anual da Compós (Anais 2002). Rio de Janeiro, UFRJ.

MORÁN, José Manuel. *A informação na televisão: critérios editoriais*. In Revista Comunicação e Sociedade. N.º 14, 1986. São Bernardo do Campo: Umesp.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

SIQUEIRA, João H. Sayeg de. *Organização textual da narrativa*. São Paulo: Selinunte, 1992.

SQUIRRA, Sebastião. *Boris Casoy, o âncora no telejornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Aprender telejornalismo, produção e técnica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

Weaver, Paul. *As notícia de jornal e as notícias de televisão*. In Traquina, Nelson (org.). *Jornalismo: Questões, teorias, estórias*. Lisboa: Veja, 1993.

Wolf, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 3ª Ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.